

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos,
aponta-vos o ca
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
PEDACÇÃO—Rua Guerra Junqueiro, 340—Porto
—(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

A Universalidade da Lei e o ensino gratuito

«Então Deus pronunciara todas estas palavras...»

(Ex. Cap. XX-I.)

Repete-se amiudadamente que os doutores do Talmud só se entregam a casuísticas minuciosas, a subtilezas mesquinhas e que são incapazes de ideias largas e de especulações elevadas. Parece-nos, porém, que a concepção de uma Lei universal, aplicavel a todos os povos, sem distinção de culto e de raça, não é precisamente o sinal de uma mentalidade inferior. Pois bem, os nossos sabios já tiveram esta concepção. «Porque foi que Deus não promulgou o Decalogo na Palestina, no país de Israel? Para ensinar ao mundo inteiro que a Lei não é propriedade exclusiva dos filhos de Jacob, que ela pertence a todas as nações e que todos os povos lhe devem igual respeito, igual submissão; para evitar que toda e qualquer colectividade, encontra-se ela nos extremos do mundo, tenha um pretexto para recusar a Lei. Porque, se a manifestação do Sinai tivesse lugar na Terra Santa os outros povos poderiam dizer: «O Decalogo não é para nós é destinado apenas a Israel, visto que foi proclamado no seu país.» Assim, Deus escolheu o deserto de

Sinai, um lugar abandonado, que pertence a cada um, pois que não pertence a ninguém e desta maneira demonstrou que a humanidade inteira tem direitos ás verdades eternas.»

O Midrasch tira ainda outra conclusão, não menos judiciosa, desta preferencia dada a um lugar publico, acessivel a todo o mundo. «Da mesma forma que o goso de um lugar publico é gratuito, da mesma forma a Lei deve ser ensinada gratuitamente a todos os homens; Deus deu-a gratuitamente a Israel, pertence-nos pois, a nós, instruímos os nossos semelhantes sem pedirmos em troca remuneração alguma!»

Mathieu Wolff
(Rabino em Sédin)

• • •

O «Mar Morto» é um mar de Vida

Um dos grandes lagos que existem na Palestina chama-se em hebraico Yam-Ha-Melakh—mar de sal—e é conhecido nos idiomas modernos com o nome de «Mar Morto». Com certeza foi assim chamado porque nas suas aguas não vivem peixes nem se criam seres viventes de qualidade alguma e porque sobre a sua superficie e sobre a dos seus contornos paira constantemente um ambiente lobrego e desolador. Mas hoje, depois que a Companhia Judaica presidida pelo engenheiro Pinhas Rutenberg começou os seus trabalhos de exploração das fabulosas riquezas minerais, principal-

mente potassa, entesouradas nesse lago, ficou plenamente demonstrado que em vez de chamar-se «Mar morto» o seu nome deve ser «Lago da Vida», não sómente pelas suas riquezas minerais, mas sobretudo pelos germens de vida e saúde contidas na sua atmosfera e no seu clima.

Entre as centenas de operarios judeus que trabalham na exploração, originários de países frios, sem terem tido tempo sufficiente para se aclimatarem á sua nova pátria, não se registou até hoje um unico caso das varias enfermidades que são endémicas no resto do país, principalmente a malária.

Produziu grande assombro no mundo scientifico o facto de que o «Mar morto» e os seus contornos constituem uma região de vida e de saúde, tendo a famosa «Fundação Rockefeller» encarregado já a professores especializados, da Universidade hebraica de Jerusalem de investigarem as causas da extraordinaria salubridade daquela região, esperando-se com o maior interesse o resultado do diotamen scientifico dos referidos sabios. Procura-se saber se, em verdade, o «Mar morto» contem elementos de vida que torne possível o estabelecimento as suas margens de balnearios e sanatórios.

E' caracteristico e até simbolico:—A Palestina foi, durante muitos séculos, um país deserto e desolado e o mar de Sodoma, o mar de sal, foi um *mar morto*; mas, com a chegada dos nossos esforçados e benemeritos pioneiros ou HALUZIM, tudo renasce, revive e floresce; o deserto converte-se em jardim florescente e o solo arido, abandonado e desolado converte-se em terra fértil, produtiva e prometedora.

Israel Vingado

CAPITULO VIII

Explicação do quinquagésimo terceiro capítulo do Profeta Isaias

Para ter uma maior e mais perfeita compreensão deste capítulo, é necessário saber que tudo que os Profetas teem escrito, está sem qualquer separação e seguidamente; e que não é senão para o imprimir mais facilmente na memoria que San Jeronimo e outros tradutores dividiram os seus escritos em capitulos e em versiculos. Não se poderia dizer por consequencia que desde que um capítulo terminou o assunto de que se trata tenha terminado também, vemos muitas vezes o contrário no Evangelho e nos escritos proféticos. E para melhor o compreender é-se obrigado a ler o capítulo que precede ou o que se segue, para vêr se eles tratam do mesmo assunto, e se é o priâmbulo ou a sequência daquele que se quer ler.

O Profeta Isaias fala evidentemente da redenção de Israel no capítulo quinquagésimo primeiro, e o quinquagésimo segundo é uma continuação do precedente: dirige-se aos Israelitas e a Jerusalem a cidade santa que elle chama para a despertar do seu sono, para lhe fazer retomar o seu antigo hrilho. Ordena-lhe despojar-se dos seus vestidos lúgubres, e de os tornar magníficos, de tirar o pó das suas ruínas, porque ella entrará no seu esplendor e será santa para todo o sempre; que ella não será profanada jamais pelos gentios e incircuncisos e que Israel gosará do sua primitiva liberdade. Fala em seguida aos Israelitas: anuncia ao povo que Deus o fez sair do Eipto e que o espalhou entre as nações para o punir dos seus pecados o que deve succeder-lhe e estas palavras nos devem convencer disso: «Assim o diz o Senhor, sereis vendidos por nada e não sereis resgatados por dinheiro, porque o Senhor disse, o meu povo desceu do Egipto outrora para habitar neste povo estrangeiro e Assur pouco depois a oprimiu sem causa alguma; que tenho eu pois a fazer presentemente vendo o meu povo preso sem qualquer razão? Aqueles que o dominam tratam-no injustamente e o meu nome é blasfemado continuamente cada hora para que chegue um dia em que o meu povo reconheça a grandeza do meu nome.

O Senhor consolou o seu povo e resgatou Jerusalem, descobriu o braço da sua santidade deante dos olhos de todas as nações, e todas as nações da terra verão a salvação do nosso Deus.»

Ele anuncia em seguida os admiraveis efeitos da redenção; diz que não mais haverá impureza nem em Israel nem nos vasos sagrados do templo, e que os Israelitas não sairão em tumulto nem com uma fuga precipitada pois que o Senhor marchará deante deles e que o Deus de Israel os reunirá.

Estas palavras do Profeta não teem necessidade de comentário e querem dizer o que ellas dizem. E' pois sem razão que se querem explicar diferentemente e contra o sentido literal para persuadir o que não é e o que não pode ser. Com efeito apesar da falsa interpretação que os cristãos lhes dão, não podem ne-

Visado pela Comissão
de Censura

gar que esta felicidade, esta redenção prometida aos Israelitas que o Senhor fez sair do Egípto tão miraculosamente, não é anunciada aos gentios que não saíram do Egípto.

O Profeta chama-os impuros e ímpios no mesmo ponto e por-consequente é impossível aplicar-se-lhes esta predição. Seria com bem pouco fundamento que se applicase á volta da Babilónia, porque nenhuma das circunstâncias desta profecia convem a este regresso. Quando Deus promete alguma coisa é para a cumprir em toda a sua perfeição: ora êle diz pela boca do Profeta que no tempo da redenção nada impuro entrará em Jerusaleem; é necessário que vejamos claramente effectuar-se esta petição para dar fé á redenção, se esta circunstância falta, os filhos de Israel são obrigados a acreditar que tudo o mais não tem fundamento.

Depois que o Profeta nos pintou a redenção de Israel como o Senhor a decretou, diz em que se tornará o povo neste tempo feliz assim como as outras nações.

«O meu servo será grande, será levantado, diz o Senhor. Subirá ao mais alto cume da gloria. O mesmo povo que outrora tornei escravo no Egípto e em seguida em outras nações sacudirá agora o seu jugo. Torna-se á livre e não mais será escravo de ninguém. Só a mim servirá.» E' para melhor nos convencer disso que o Profeta diz: «levanta-te Jerusalém sacode o teu pó a-fim-de que tu e o teu povo triunfeis das nações que vos teem conspurcado, que teem querido cobrir-vos de opróbrio que teem suscitado falsos testemunhos para vos desonrar. Eu quero enaltecer o meu povo e que as mesmas nações admirem a sua felicidade e louvem o Senhor com um cântico novo que prove que êle disse a verdade e que cumpriu as suas promessas. E' assim que Israel será erguido acima de todas as nações do mundo e se tornará o soberano do universo. «O Profeta Sofonias promete-nos a mesma a mesma coisa e é que confirma o Profeta Isaías neste termos. «O meu senso será erguido por cima de todas as nações». Ele o repete no capitulo 63.º V. 19. «O Senhor os resgatou e os levantou. Quem me deu estes filhos era estéril e não concebia. Quem infamou todos estes filhos depois de me ter perseguido. Quando o Senhor quer honrar Israel dá-lhe o nome de seu servo. E' por este nome que ele chamou os Patriarcas. Nós o vemos muita vez na boca do mesmo Profeta. «E tu Israel meu servo, vós Jacob que eu elegi, vós raça de Abraão que eu amei, eu vos trouxe das extremidades da terra, escuta agora ó Jacob meu servo, escuta Jacob e Israel eu te formei, o meu servo não me esquece».

Eu creio que um grande número de passagens não provará melhor esta verdade. O povo de Israel chama-se o *servo de Deus* em todo o texto sagrado, o Profeta o glorifica com este nome ponto. Anuncia-lhe uma grandeza que exaltar á admiração de todas as nações e sobretudo dos cristãos que os tem sempre olhado com opróbrio e como os assassinos do seu Messias, sem querer considerar que a justiça de Deus não tem deixado impune por tanto tempo num crime tão grande.

O Senhor anuncia no Levítico esta prodigiosa transformação. «Eu devastarei a vossa terra, torna-la-ei o espanto dos vossos inimigos mesmo quando eles se tenham tornado os senhores e os habitantes»,

O Profeta Ezequiel diz «tornar-vos eis com respeito aos povos que vos cercam uma causa de opróbrio, de desprezo e de maldição» São as razões pelas quais os Israelitas eram admirados entre as nações,

porque, como diz o mesmo Profeta, estavam vergados sobre o doloroso jugo da escravidão e não tinham a figura de homens e nada se podia ver neles que pudesse dar o menor indicio do que eles seriam quando a cólera de Deus piasse. A sua humildade rastejante deante de todos os povos sem jamais ousarem defender-se de tantas ignomínias fez dizer ao Profeta que a vida do dovo de Israel era mais corrompida que a dum homem, e que a sua figura se não assemelhava á do filho do homem: *não temeis filhos de Israel o serdes tornados como um pequeno verme*. O que mostra evidentemente o plorável estado em que se encontrava este pobre povo. E' comparado a um pequeno verme para mostrar que o seu abatimento lhes tinha tirado os attributos e a figura humana. A sequência desta profecia lhes promete uma mudança tão grande que todas as nações serão forçadas a admirar-lo tanto mais que este mesmo povo as dominará. «Sou eu que venho socorrer-vos diz o Senhor. Vós esmagareis e quebrareis as montanhas, e reduzi-reis as colinas a pó. Vós os sacudireis como quando se joeira o trigo».

Eis aqui o tempo da redenção de Israel cheio de força e de coragem. Ele retomará a figura de homem como tinha a de verme no seu cativo, e quando êle se vergava deante de todo o mundo. Nada poderá resistir-lhe; quando as nações virem o povo de Israel erguido a este supremo grau de grandeza, recordar-se ão sempre das misérias que ele sofreu, sempre paciente, sempre humilde suportando as mais cruéis injúrias, sem se vingar, sem ter um ponto são desde a planta do pé até á cabeça; coberto de confusão e de feridas. Pode sem admiração ver-se dols estados tão diferente? O povo mais infeliz que estava sobre a terra tornar-se o mais feliz, o mais illustre e o Senhor de todas as nações, porque se tinha abandonado inteiramente ás promessas de Deus porque seguiu a sua lei e os seus mandamentos.

O Profeta continua a predizar a admiração em que ficarão as nações ao verem este povo outrora tão abatido elevar-se no presente acima de todas as outras. Os Reis conservar-se-ão deante dêle em silêncio porque verão o que lhes não tinha sido contado, e compreenderão o que não tinha sido ouvido. Aquelles que eram então seus escravos e seus vassallos tornar-se-ão seus senhores por esta divina redenção prometida por todos os Profetas. A diferença que haverá entre o reino de Israel e o das outras nações nestes felizes tempos é que não terá fim e não estará sujeito a qualquer revolução. Isaías o disse bem claramente: «eis aqui o que diz o senhor, o redentor e o Senhor de Israel, á nação detestada, á escrava daquelles que dominam; os Reis vos verão e os príncipes inclinar-se-ão deante de vós, êles vos adorarão, por causa do Senhor que vos foi fiel nas suas palavras e do Senhor de Israel que vos escolheu. As nações marcharão ao clarão da vossa luz e os Reis ao esplendor que se elevará sobre vós».

Nada prova mais evidentemente que o Senhor fala do povo de Israel; eis aqui a confirmação disso. «Os filhos dos estrangeiros erguerão as vossas muralhas e os seus Reis vos servirão, porque eu vos tenho ferido na minha indignação e vos tenho concedido misericórdia reconciliando-me convosco». Sem todos estes prodigiosos acontecimentos os Israelitas não poderiam crer qualquer redenção. Os Profetas tiveram todo o cuidado em indicar até as mais pequenas circunstâncias, e de as repetir muitas vezes ao povo escolhido para o impedir de enganar-se.

Os padres da Igreja prevendo que poderia pro-

var-se evidentemente a falsidade das suas interpretações, e que com um pouco de aplicação se separaria a verdade da mentira, serviram-se, a-lim-de-melhor deslumbrar os cristãos, duma falsa explicação para afirmar que o Profeta f. la do Messias. Em lugar de dizer *nossus faces*, versículo 3.º, dizem *sua face* no singular, e *sua ferida em lugar de nossas feridas* versículo 8.º: estranho efeito de cegueira e de pertinácia! faz-se mais, separa-se o capítulo quinquagésimo segundo do capítulo quinquagésimo terceiro, como se não tivessem qualquer conexão, porque sem isso não poderiam aplicá-lo ao Messias. E' evidente que este ultimo capítulo é a sequência do antecedente. Para nos convenceremos basta apenas lêr os dois; as coisas surpreendentes que são inuniciadas no 1.º, referem-se perfeitamente à miséria do povo de Israel tão bém pintada no outro; é por este estado horroroso que a grandeza que lhe é prometida deve arrebatá-lo de admiração tôdas as nações. Tôda a gente verá o que não tinha sido contado, e ouvirá o que não tinha ouvido. Haveria imperfeição no discurso, que o fim deste capítulo não estivesse ligado com o comêço do outro. Os cristãos não podem moldar-se a esta ligação: os seus autores esforçam-se por todos os modos em separar estes dois capítulos: não querem que sejam as nações que falam no 1.º, pretendem que seja o povo judeu; e com efeito sem isto a sua doutrina ficaria destruída e não mais teriam Messias. E' necessário para que a sua religião subsista que interpretem o texto sagrado a seu modo sem terem o trabalho de dar-lhe o verdadeiro sentido de que é susceptível e sem prever que para os convencer do seu erro basta mostrar-lhes que não comprehendem o Hebreu ou que não querem comprehendê-lo. Quando se chega a tais extremos, a verdade triunfa facilmente da mentira. Mas o Cristianismo arranjou para isso um remédio maravilhoso. Sómente é permitido aos Teólogos ler a escritura, a lingua santa não se aprende e é apenas pelo órgão dum Doutor cristão que ela é explicada. Alguns interpretes traduziram com um artificio maravilhoso a palavra Hebreu *Jasé*, pretendem que «ela significa *ele orvalhará* em lugar de dizer *ele fará falar*; e sobre uma explicação tão falsa e tão mítica estabeleceu-se a vinda do Messias. E' verdade que *Jasé* significa orvalhar, mas não pode interpretar-se assim neste ponto a não ser que se diga ao mesmo tempo que o Profeta disparata. Vejamos neste ponto a significação alegórica. *Tendo sido o espanto de muitos que vos tem visto na desgraça, assim a vossa vista será despezada dos homens; ele orvalhará muitas nações*, etc. Aqui não há conexão, nem sentido nestas palavras, ao passo que quando se explicam no sentido do Profeta, *ele fará falar as nações*, nela fica intelegível, é uma entitese de que se serve este santo anunciador da palavra de Deus.

Os povos admirarão e falarão com espanto desta prodigiosa mudança de povo escolhido, os Reis conservar-se-ão em silêncio, o que o capítulo 53.º explica muito claramente. E' mesmo impossível compreender estes dois capítulos sem que a palavra *Jasé* signifique falar e que se diga que as nações surpresas do que virem o testemunhem pelas suas palavras. Se o Profeta tivesse falado de Israel, ter-se-ia exprimido diferentemente, o que prova a evidência que são as nações que falam e não Israel, e que é necessário ligar-se ao espírito e não á explicação literal do termo hebraico *Jacé*. Estas espécies de expressões metafóricas encontram-se tão comumente no texto sagrado que há sómente esta grande obstinação necessária para apoiar uma falsa doutrina que obriga os cristãos a

sustentar o sentido e adoptaram neste ponto porque é talvez o único donde podem inferir que o capítulo quinquagésimo terceiro de Isaias fala do seu pretendido Messias.

Paugeninus no seu Dicionário Hebreu explica a palavra *Jasé* por estas, *orvalhará* ou *fará falar*. Esta segunda explicação é totalmente oposta á dos Doutores cristãos e destruindo completamente a sua opinião se fica surprêzo por ter sido permitido a este autor torná-la pública. E' um efeito da verdade que se descobre sempre, muitas vezes mesmo contra a intenção daquele que a produz; e nada é mais evidente que são as nações admiradas da redenção de Israel que dirão *quem é que acreditou o que temos ouvido?* Vimos o que foi predito aos verdadeiros Israelitas; esta redenção prometida por tôdos os Profetas chegou, a sua glória é grande; entraram na graça do Senhor que os reuniu de tôdos os pontos onde estavam dispersos e os colocou na posse da terra santa seu antigo património.

O mesmo Profeta lhes afirma isto ainda nesta passagem: «que tôdos os povos se reúnem: qual de vós outros anunciou isso. Fui eu que anunciei as coisas futuras. Fui eu que vos salvei a-fim-de-que saibais, de que comprehendais e de que vejais que fui eu; que não houve Deus formado antes de mim e que o não haverá depois de mim». Diz que escolheu seu servo para vir anunciar-nos os seus divinos oráculos, mas que não vir á êle mesmo. «Fôra de mim, diz êle, não ha salvador, porque é a mim só que pretendo que seja devida a redenção de Israel. O meu Messias virá cumprir esta promessa tantas vezes reiterada pelos Profetas: será o precursor desta miraculosa redenção que tôdas as nações da terra hão-de ver com espanto e assombro». O número de pessoas reunidas nesta parte da Judea e que deram fé á redenção de Jesus Cristo como os seus discipulos tem pregado foi tão pequena que com dificuldade se pode contar um por mil. Ela mesmo foi envolta no esquecimento duram mais dum século depois da morte do pretendido redentor. O que o Senhor promete aos Israelitas pela boca dos Profetas é bem diferente. Tôda a terra terá uma fé completa e tôda a terra o admirará sem qualquer interrupção de tempo.

Estas palavras de Isaias no capítulo quinquagésimo segundo; a quem se fez ver o braço do Senhor? tem dois sentidos ambos literais. Um negativo pela interrogação: a quem o braço do Senhor, a sua força e o seu poder infinito podem ter sido descobertos? Quem poderia jamais conceber, quem poderia acreditar o que nós vemos manifestamente? A elevação e a glória de Israel, vergando sob o peso duma dura escravidão, o opróbrio de tôdas as nações, errante e perseguido, é aquele que dormira, é aquele de ante de quem os Reis e os povos se humilham: ninguém poderia crêr uma metamorfose tão surpreendente.

O sentido positivo é hem mais claro e mais intelegível. E' apenas a este povo que o Senhor fará ver o seu santo braço; é á êle somente que comunicará os efeitos do seu amor e da sua omnipotência. As nações veem claramente que estas promessas são unicamente feitas aos Israelitas, a não ser que regeitem absolutamente o texto sagrado. «Rejubilai, desertos de Jerusalém; louvai tôdos em conjunto o Senhor, porque êle consolou o seu povo e resgatou Jerusalém. O Senhor descobriu a santidade do seu braço aos olhos de tôdas as nações. Tôdas elas verão a salvação do nosso Deus»; e visto que devem ver este milagre, porque querem elas duvidar disso? Porque perguntam o sinal da graça do Senhor? E mais um

caso da sua admiração que um pedido. O prodígio é demasiado maravilhoso para não as conservar em seu pensamento. E' sómente pela omnipotencia de Deus que deve dar-se uma mudança tão extraordinária. As nações não preguntam, admiram; *quem pode dar fé ao que nós ouvimos? a quem se mostrou o braço do Senhor? etc.*

Levantar-se á como um arbusto diante dele, como uma vara que sai duma terra sêca. E' uma comparação que ele faz do povo de Israel no desgraçado estado do seu cativeiro, é um arbusto de que as raízes estão numa terra estéril e sêca, porque não ha água si para a humedecer e fazer rebentar. E' necessário precisamente que ele se o seque, que as folhas caíam e que perca todos os atavios que a natureza lhe tinha dado. Parece impossível que produz qualquer fruto. Eis o estado a que o Senhor tinha condenado o povo de Israel por causa dos pecados que esta tinha commetido. O mesmo isaias o anuncia: tomar-vos eis como um carvalho de que todas as folhas caíram e como um jardim que está sem água. Eis como o povo de Israel esteve durante o seu cativeiro. No tempo da sua redenção tornar-se á como um arbusto que se levanta e como uma vara sêca duma terra. Esta diferença é digna de notar-se. Para demonstrativamente a esperança que o povo de Israel deve ter, porque uma vasa sêca perdeu a vida negativa e não tem esperança alguma de reverdecer; mas o que está numa terra sêca ainda que pareça enmurchecer a nossos olhos, ainda que o julgemos morto, um pouco de água basta para o fazer reviver. O povo de Israel perdeu no seu cativeiro todo este brilho todo este esplendor de que estava adornado quando estava na graça de Deus. Desde que a sua divina providência o abandonou tornou-se o desprezo das nações. Perdeu até o seu aspecto, a redenção falo á reviver. Estas divinas águas lhe darão toda a sua glória. Espargirei as águas sobre os campos sequiosos diz o mesmo Profeta, e os rios sobre a terra sêca. Espargirei o meu espirito sobre a vossa descendência e germinará entre as ervas como os salgueiros plantados sobre as águas correntes; até que o Senhor pela sua misericórdia tenha retirado do cativeiro o povo de Israel; será como um arbusto numa terra sêca; é necessário que seja orvalhado pelas águas da sua divina bondade para levantar-se como o salgueiro verde. As suas raízes enterradas durante tanto tempo brotarão um dia: um dia as raízes de Jacob brotarão com vigor, Israel florirá e germinará, e elevando-se como um arbusto que reinasse na terra, o seu coração terá a alegria e os seus ossos retomarão o mesmo vigor que a erva verde.

Slgamos á este Profeta admirável e façamos conhecer a toda a terra o verdadeiro sentido da sua profecia. E'sem beleza e sem aspecto como os arbustos e as raízes que estão numa terra sêca. Não tem brilho, não têm beleza, não são os que foram nem o que devem de ser. O povo de Israel no seu cativeiro é o simbolo d'este arbusto de que fala o Profeta. Com dificuldade se acredita que tenha sido elevado á este grau de grandeza tantas vezes anunciado no texto sagrado e que deva entrar de novo al no dia feliz da sua redenção. E' necessária uma fé miraculosa para acreditar o passado e não duvidar do futuro: nós o temos visto e ele não tinha nada que atraísse os nossos olhos quem que no-lo faça conhecer e saudar.

Nada ha mais despresível aos olhos de todas as nações do que o povo de Israel no estado presente. Não se quiere reconhece-lo se não para o calcar aos

pés, até ao ponto que não ousa muitas vezes confessar que é esse povo outrora tão querido de Deus e o único escolhido entre os outros povos da terra. As perseguições que sofreu em muitos lugares desde que o descobrem, as ignomínias ás quais está exposto noutros, provam esta verdade que o Profeta anuncia. E' aos Israelitas que ele prediz todas as calamidades que só devem acabar com a vinda do Messias. Onde estão os efeitos d'este tempo bem aventurado? Quais são os povos que viram e que vêem esta grandeza? Onde estão os Reis que guardam silêncio diante d'elles? Estão bem longe desta glória. As suas misérias são grandes. Acaso tem el's algum ponto onde possam observar com tranquillidade a lei que que o Senhor lhes deu sobre a montanha do Sinai? Que diferença d'esse tempo para o presente! Eram sempre guiados pelos raios divinos da luz do Senhor, encheu-os das suas graças e das suas benções: a ingratitude d'elles tomou os sem brilho e sem aspecto, desprezíveis a si próprios e a todas as outras nações. Não tem mesmo a satisfação nem a permissão de ver mudar a sua fortuna, quando por necessidade ou por impiedade querem abandonar a sua santa religião e abraçam uma outra, ficam na mesma desgraçada situação em que estavam: aqueles que os persuadiram a abraçar o Cristianismo ou o Maometismo abandonam-os e não querem acreditar na sua conversão. Não ha emprego nem honraria que elles possam esperar; e se lhes dão uma miseravel pensão para não os desprezar por completo julga-se ter-lhes feito um favor singular e acima do seu merecimento.

Não é assim em qualquer outra religião. Se um católico ou um protestante muda de religião, aspiram aos empregos, possuem as mesmas honrarias e tem os mesmos beneficios que aqueles que sugaram com o leite a religião dominante; que extraordinária diferença! Ela procede de duas causas evidentes, da pouca fé que tem nos preséritos que deixam um bom partido para tornar mau, e da vontade de Deus que permite um tal tratamento para tirar do pensamento do seu povo os sentimentos que o tornam sempre indigno da sua graça e afasta-os dos preceitos que lhes prescreveu na sua santa lei, e para lho fazer esperar com mais paciência e tranquillidade o tempo feliz da redenção que lhe prometeu.

VERSICULO TERCEIRO

Apareceu-nos um objecto de desprezo, um homem de dores e acostumado a sofrê-las. Parece occultar o seu soslo era desprezado e não faziamos caso algum d'ele.

O sentido destas palavras é tão claro que não há quem o não compreenda. Todas as nações confessam que o povo de Israel era desprezado no tempo em que o Profeta falava e que não tem deixado de o ser até hoje. Deus lho prometeu Denteronómio. «Vós estareis na última miséria, sereis o juguete e a ficção de todos os outros povos. Eis o que diz o Senhor, diz o nosso Profeta, o Redentor e o Salvador de Israel a quele que esteve no último desprezo e na abominação das nações»; e o Profeta Rei no Salmo quadragésimo terceiro, Versiculo décimo quinto. «Vós nos tomastes num objecto do opróbrio para os nossos visinhos e um objecto de insulto e de escarneo para aqueles que estão em volta de nós: vós nos fizestes ser a

icção das nações e os povos sacodem a cabeça quando nos vêm»: Deus quiz reduzir o seu povo a este deploravel estado e as nações tem cumprido a sua vontade: é o que faz dizer ao Profeta que estava despresado dos homens, porque na sociedade civil desde que um homem caiu na desgraça todos se julgam desonrados por estar na sua companhia, afastam-se d'ele e todo o mundo lhe foge.

O povo de Israel 2 por justo titulo chamado o *homem das dôres*, porque não poderão sofrer se mais cruéis do que as que ele sente desde o seu cativeiro.

São tão evidentes para todos que é inutil descreve-las minuciosamente. E' contudo necessário provar que o texto sagrado se serve muitas vezes do termo *homem* falando do povo como se vê no livro dos juizes; e *homem de Israel estão reunidos*. Saul diz e *homem de Israel foram contados*. Confunde o singular com o plural, como se todo o povo fosse num só homem ou um só homem compuzesse todo o povo.

VERSICULO QUARTO

Verdadeiramente tomou os nossos males sobre si, carregou-se das nossas dôres e consideramo-lo como um leproso ferido de Deus e afligido.

Todas as nações são obrigadas a confessar uma verdade de que ellas não poderao discordar. Dizem que o povo de Israel sofreu estas dôres que suportou com uma paciência admiravel todas as perseguições e todas as ignominias que se lhe tem feito experimentar durante o seu cativeiro que durou alguns séculos. E não as ha mais insurtáveis do que aquelas a que o ódio e o desprezo das nações o expuzeram. Mas pode duvidar-se que Deus não seja a primeira causa e que para o castigar de tantas vezes ter desrespeitado os seus mandamentos, e de não ter prestado atenção as suas ameaças reitera-las, lhe tenha feito sentir as consequências da sua justa cólera pelo ministério de todas as nações que o tem oprimido? E' por esta razão infalível que elle deve ser considerado como um leproso ferido e afligido de Deus; ao passo que nada ha mais absurdo e que repugna deante do bom senso do que dizer que Deus se tenha afligido a si mesmo e se tenha coberto de lepra. O Senhor serve-se muitas vezes deste termo no texto sagrado. «Fará cair sobre vós todas as pragas do Egipto de que tendes sido feridos por vós mesmos. Ellas se nos ligarão inseparavelmente. O Senhor fará cair sobre vós todas as fraquezas, todas as pragas que não estão escritas neste livro até que vos reduza a nada».

Deus diz *as franquezas do Egipto* e não *as que o seu povo sofreu no Egipto*. Elle não as experimentou no tempo do seu cativeiro, elle as chama *Franquezas de Egipto*, porque são effeitos d'este cativeiro e é o que faz dizer ás nações *nossas dôres*, as que nós lhe fazemos sofrer como as que os Egipcios lhes causaram eram as dôres do Egipto. E' que nos ensina bem evidentemente o fim do Versiculo do Deuteronomio, «eu farei sobre vós todas as fraquezas, as pragas que não estão escritas neste livro». Deus ameaça este povo ingrato e turbulento da sua justa cólera. Elle far-lhe á sentir novas pragas de que todas as nações o affligirão durante todo o tempo do seu cativeiro. O Profeta Rei, Esequiel e Sofonias dizem a mesma coisa, e razões tão convincentes deverlam

bastar para explicação d'este versiculo: mas de modo que os cristãos o consideram como a base fundamental da vinda do Messias, é preciso tratar de deslucido até á menor dificuldade, até ao menor escrupulo possa contradizer que uma verdade tão evidente satisfazer, se é possível, os Doutores cristãos: Eu compreendo aquil Nicolau de Lira nas suas apostrophas Burgence nas suas adições, nem muitos outros autores que asseguram que o Messias não sofreu tantas dôres para carregar-se com todos os pecados do povo, mas que tendo tomado do homem a forma quiz ser exposto a todas as suas enfermidades: que sofrer a fome, a sede e tantas outras doenças communs ao género humano, ainda que somente se tivesse a elle para libertar-se delas. Não ha nem sentido nem razão nesta explicação. Não é uma consequência que uma pessoa esteja carregada das feridas e das enfermidades dos outros, porque elle as sofre iguais. A gota incomoda muitas pessoas; mas uma pessoa não alivia as outras porque dela está atormentado. Outros autores explicam este versiculo por outros termos: o Messias sofreu as enfermidades e as dôres do povo de Israel e o povo penitente carregou-se das nossas dôres e das nossas enfermidades na pessoa do Messias. Esta explicação merece ser examinada, porque o Messias devia sofrer todas as dôres que o povo judeu merecia pelos seus pecados e aquellas que elle mesmo lhe fez sofrer, pois que não podia carregar dos mesmos males de que este povo estava afligido não sendo possível que um homem esteja atormentado dum mal e que outro sofra a dôr: é pois inconcebível que se o Messias sofreu as dôres do povo judeu, são aquellas que elle merecia pelos seus pecados ou aquellas de que este povo o affligiu a elle mesmo; e não se poderia provar que elle tenha sido carregado das dôres do povo: isto é mesmo impossivel conceber-se. Quaisquer que sejam os autores de quem examinarmos e sentimento sustentam que o Profeta fala do Messias, com respeito ao povo que o ofendia e não de Israel com respeito ás nações que o affligiam; e, (como elles o explicam) que elle sofreu as dôres que o povo de Israel merecia, e que é por esta razão que os judeus lhes chamam suas dôres, e que se servem dos mesmos termos para as explicar a seu sabor. O povo de Israel sofreu as dôres que as nações mereciam pelos seus pecados ou aquellas que a maneira vigorosa como os tem tratado lhe causaram; ellas as tem chamado *nossas* porque ellas tem sido os autores delas, e o mesmo sentido e a mesma explicação; a differença está apenas nos indivíduos; querem que o povo chame suas as dôres que o Messias sofreu por amor d'ele, e nós que as nações digam *nossas dôres*, por aquellas que ellas causaram ao povo de Israel no seu cativeiro, porque ellas são a sua causa essencial e primitiva, de maneira que elles não saberão destruir a nossa explicação a não ser que elles mesmo contradigam a sua, e é isto que se chama em termos de escola *argumentum ad hominem*, isto é, convencer o seu adversário pelo mesmo argumento que este apresentou.

VERSICULO QUINTO

Ele foi coberto de feridas pelas nossas iniquidades; elle foi despedaçado pelos nossos crimes; o castigo que devia estabelecer a nossa paz caiu sobre elle, e a sua ferida nos curou

Este versiculo liga-se tão fortemente ao precc-

que não ha a menor diferença. As nações con-
 trictas e arrependidas responderão é um
 to da nossa maldade.

O Profeta Rei di-lo ainda bem mais claramente.
*Jerem o teu povo, Senhor, eles devastam a tua
 ança.* Era melhor esclarecer o que parece duvi-
 do neste versiculo é necessário notar que as iniqui-
 dades e os pecados que fizeram sofrer Israel e pelos
 qualis éle foi ferido, não são como uma causa final;
 mas se éle tivesse sido ferido unicamente para
 expiar os pecados das nações; mas como uma causa
 eficiente, isto é, que as iniquidades das nações ferim
 Israel, que elas o calcaram aos pés, e é neste
 sentido que o Profeta diz, *maltratado por nossas ini-
 quidades; isto é os nossos pecados e as nossas ini-
 quidades o affligiram.* Esta maneira de se explicar é
 comum em todas as linguas. Vê-se muitas vezes um
 homem que se queixa do que a preversidade do povo
 que produziu falsos testemunhos contra ele e fez en-
 trar na prisão: um outro queixa-se de que falsas re-
 ferencias o teem feito maltratar; um outro de que
 uma lingua viperina o persegue; ninguem se queixa
 de sofrer para expiar a injustiça dos falsos testemu-
 nhos e das más linguas, mas pelo contrario de que
 ellas são a causa efectiva de dôres das quais é presa, e
 que faz dizer ás nações que o povo de Israel so-
 freu por seus pecados e por suas iniquidades. «Reti-
 rai-vos das tendas dos homens impios, diz o texto sa-
 crado nos Números, não toqueis em nada que lhes
 pertença com receio que morrais por seus pscados».

VERSICULO SEXTO

**Nós estávamos todos perdidos com as
 ovelhas errantes. Cada um se voltava
 para seguir o seu próprio caminho e o
 Senhor fe-lo sobrevir ao pecado de
 nós todos**

Temos abandonado o culto do verdadeiro Deus,
 dizem as nações penitentes e constrictas; elas se des-
 culpam pela sua ignorância, e na verdade as pessoas
 que teem piedade entre as nações seguiriam o verda-
 deiro caminho da salvação se houvesse a caridade de
 lha mostrar; os próprios impios se estivessem seguros
 do seu erro, não quereriam perseverar nêle.

(Continua.)

Dr. Orobio de Castro

Judeu bragançano do seculo XVII.



VIDA COMUNAL

PORTO

Festas — Decorreram com a maior sole-
 dade as festas de Rosh Ha-shanah, Kipur e
 Sucoth.

Milah—No dia 7 de Setembro foi rece-
 bido na aliança de Abraham conforme a
 Lei de Moisés, nosso mestre, um menino
 filho do nosso correligionario A. Alpern, o
 qual tinha oito dias de idade. Recebeu o
 nome de Ymanuel. Bééiman Tob.

Membro benemerito — Os Senhores do
 Mahamad desta Comunidade, em sua ses-
 são de 20 de Setembro p. p. (19 de Elul de
 5692) resolveram por unanimidade consi-
 derar o snr. capitão Barros Basto como
 Membro Benemerito, em atenção aos mui-
 tos e relevantes serviços que á mesma Co-
 munidade tem prestado.

Nomeações—Na sessão de Mahamad de
 19 de Outubro passado foram nomeados
 os Parnasim das diferentes secções, que
 ficaram assim constituídos:

Secção de culto A cargo da Reitoria
 da Yeshibah.

Secção de Instrução—Parnasim os snrs.
 Eduardo Jernstedt de Almeida e Fortunato
 Martins de Barros.

Patronato dos trabalhadores—Parnas o
 snr. Eduardo Jernstedt de Almeida.

Signo Vermelho —Parnas o snr. Joaquim
 Xavier.

Secção de Repouso Eterno —Parnasim os
 snrs. Menasseh Bendob e Serafim Xavier.

Escola Israelita—A pedido de varios
 cripto-judeus foram organisados cursos de
 primeiras letras e de aperfeiçoamento da
 lingua portuguesa, rudimentos de judaismo
 e leituras hebraicas que funcionam á noite.
 Teem tido grande frequencia, não só de
 cripto judeus mas tambem de alguns ele-
 mentos extranhos que pediram para fre-
 quentar os referidos cursos

Comissão de obras—Afim de angariar
 donativos ppra a construção da Sinagoga,
 foi nomeada uma comissão composta pelos
 snrs. capitão Artur Carlos de Barros Bas-

to, Eduardo Jernstedt de Almeida e Fortunato Barros

A comissão, agora constituída, vai empenhar todo o seu esforço no sentido de concluir as obras da Sinagoga.



Grupo Sionista Judah Halevi

PORTO

Sob a égide do grande pensador hebreu, poeta e medico do tempo do califado de Cordova, Judah Halevi, organisou-se nesta cidade em 24 de Tishri o primeiro grupo Sionista cuja direcção ficou a cargo dos snrs Eduardo Jernstedt de Almeida, Fortunato Martins de Barros e Serafim Xavier, respectivamente presidente, secretario e tesoureiro

A seguir damos o programa do grupo, para o qual chamamos a atenção de todos os nossos correligionarios.

Fins do Grupo Sionista Judah Halevi

1.º—Contribuir para a organização do Lar Nacional Hebreu, orientando-se pelos principios da Declaração Balfour.

a) Divulgando a historia, tradições e literatura do povo hebreu e, sobretudo o actual trabalho de reconstituição da Palestina.

b) Realizando conferencias, palestras e sessões de estudo sobre assuntos hebraicos.

c) Estreitando relações com o movimento Sionista internacional e com os israelitas de todo o mundo.

2.º—Contribuir para o estabelecimento de uma maior intimidade fraternal entre os israelitas em geral e entre os maranos em particular.

a) Realizando festas, concertos, etc.

b) Fundando escolas, cursos noturnos e de aperfeiçoamento para as classes menos instruidas.

c) Difundindo as tradições israelitas e tornando conhecidas as obras dos seus intellectuais.



Obra do Resgate



No dia 12 de Outubro foi recebido na aliança de Abraham o cripto-judeu João Crisostomo Vaz, que recebeu o nome de Johanan



Historietas Judaicas



Um judeu que desejava ser rico, invocou o Senhor:

—Meu Deus, que significa para vós um milhão de anos?

—Um instante.

—Meu Deus, que significa para vós um milhão de libras?

—Um centavo.

—Meu Deus, dá-me então um centavo.

—Espera... um instante



Ano de 5693



Tishri (30 dias)—dia 1=1 de Outubro de 1932.

Heshvan (30 dias)—dia 1=31 de Outubro.

Kislev (30 dias)—dia 1=30 de Novembro.

Tebet (29 dias)—dia 1=30 de Dezembro.

Shebat (30 dias)—dia 1=29 de Janeiro de 1933.

Adar (29 dias) - dia 1=27 de Fevereiro.

Nissan (30 dias) - dia 1=28 de Março.

Iyar (29 dias) - dia 1=27 de Abril.

Sivan (30 dias) - dia 1=26 de Maio.

Tamuz (29 dias) - dia 1=25 de Junho.

Ab (30 dias) - dia 1=24 de Julho.

Elul (29 dias) - dia 1=23 de Agosto.